

Aggiornamento pela metade

Rogério L. Furquim Werneck*

Uma semana antes do primeiro turno da eleição de 2002, publiquei neste espaço, sob o título *Metamorphose a toque de caixa*, artigo em que analisava a vertiginosa rapidez com que o PT havia conseguido mudar de forma radical seu discurso econômico. Diante do assombroso aggiornamento por que parecia ter passado o partido, o artigo terminava com duas indagações. “Quanto de si mesmo terá o PT deixado cair pelo caminho, ao decidir dar guinada tão brusca no seu discurso? Não ficará o partido tentado a voltar atrás para recolher pedaços das suas velhas convicções?”

Sabe-se hoje, três anos depois, que na reta final da eleição de 2002 o PT já vinha deixando pelo caminho bem mais do que idéias econômicas equivocadas. Parte do patrimônio ético que o partido havia acumulado ao longo de mais de duas décadas vinha também sendo perdida no trajeto. Não é surpreendente, portanto, que as eleições internas do PT, realizadas no domingo passado, tenham mostrado que a maioria dos petistas entende que o partido deveria voltar atrás – alguns diriam muito atrás – para resgatar antigas convicções.

O problema é que as facções mais à esquerda do partido parecem acreditar que o PT deveria não só tentar recuperar os valores éticos perdidos, como também voltar a defender idéias econômicas estapafúrdias, que em boa hora o partido resolveu abandonar, quando se viu prestes a conquistar a Presidência. Há até quem se disponha a enxergar estranha causalidade e ver a falência moral do partido como decorrência natural do abandono do velho ideário econômico que o PT brandiu por tanto tempo.

Discernir convicções que indubitavelmente merecem ser resgatadas das crenças que já não fazem mais sentido passou a ser especialmente difícil para muitos petistas, porque o Campo Majoritário teve papel central tanto na guinada do discurso econômico do PT como na gestação da crise moral que se abateu sobre o partido. Para boa parte da esquerda do PT, agora engajada em cruzada revisionista, o repúdio indiscriminado a tudo que tenha vindo do Campo Majoritário parece ter-se tornado sentimento irrefreável.

Mesmo no debate mais amplo, que se trava fora do PT, há evidências claras de que a opinião pública lida com dificuldade com esse duplo papel que teve o Campo Majoritário. A ambivalência de boa parte da mídia a esse respeito se tem manifestado de forma curiosa. Das páginas políticas, o que em geral se depreende é que, no melhor dos mundos, o Campo Majoritário deveria ser punido com derrota fragorosa nas eleições internas do PT. Já nas páginas econômicas, não têm faltado manifestações de

apreensão com a possibilidade de que uma derrota do Campo Majoritário possa fazer ressurgir no governo idéias econômicas equivocadas que pareciam enterradas.

Quis a História, com alguma ironia, que coubesse ao PT posição privilegiada para colher os frutos – e os benefícios políticos – de mais de 15 anos de mobilização do País com a estabilização da economia. Mas quis também, com muita ironia, que boa parte do PT não tivesse condições de se dar conta disso. É verdade que, no arquipélago que forma o partido, há facções inteiras que simplesmente se recusam a aceitar que o governo possa estar tendo sucesso na área econômica. Outras parecem tão mobilizadas com o acerto de contas advindo da crise moral que vive o PT que não conseguem ter olhos para o que vem ocorrendo na economia. Preferem ficar aferradas a velhos chavões.

Mas o fato é que, ao fim de longo esforço de ajuste e penoso processo de mudança de mentalidade e construção institucional, a economia parece afinal preparada para crescer de forma sustentada, em meio a ambiente externo especialmente favorável, com contas públicas sob controle, contas externas sólidas e inflação baixa. É mérito do atual governo ter dado continuidade aos esforços que há muito já vinham sendo feitos, para criar condições para o bom desempenho que afinal se observa na economia.

Não parece haver razões para se esperar mudanças muito rápidas na forma como a esquerda do arquipélago petista encara a política econômica do governo. Apesar de todos os benefícios que inegavelmente trouxe ao partido em tão pouco tempo, a guinada no discurso econômico do PT parece condenada a continuar a ser um aggiornamento pela metade. Na melhor das hipóteses.

* Rogério L. Furquim Werneck, economista, doutor pela Universidade Harvard, é professor titular do Departamento de Economia da PUC-Rio.